



UNICAMP

P29, 24

EVENTO:	"TRISHA BROWN COMEMORA 25 ANOS DE EXPERIMENTALISMO"
VEÍCULO:	O ESTADO DE SÃO PAULO
DATA:	09/Outubro/96
PÁGINA:	D-14
SEÇÃO:	CADERNO 2



VISUAIS

Masao Goto Filho/AE — 7/12/94

Trisha Brown comemora 25 anos de experimentalismos



'Newark': espetáculo da companhia criado em 1987 por Trisha

Artista pesquisou novas linguagens em 1968 e dois anos depois criou a companhia

NOVA YORK — Trisha Brown nasceu em 1936, em Aberdeen, Washington, onde, na adolescência, teve lições de sapateado, balé, acrobacia e comédia musical. Mas foi nos cursos de verão do Connecticut College School of Dance, estudando composição com Louis Horst e dança com Jose Limón e Merce Cunningham, que ela decidiu seguir a profissão.

Mudou-se para Nova York em 1960 e passou a ter aulas de composição com Robert Dunn no estúdio de Cunningham. Essas aulas produziram dançarinos e coreógrafos como Steve Paxton e Meredith Monk, alguns dos fundadores do Judson Dance Theater, batizado com esse nome porque os artistas trabalhavam na Judson Memorial Church. Esses coreógrafos trouxeram para a dança movimentos do



Trisha Brown vai dirigir 'Orfeu'

corpo em atividades cotidianas e passaram a apresentar o bailarino, antes de tudo, como um ser humano simples, sem referências teatrais.

Em 1968, Trisha Brown expandiu os elementos básicos da dança — tempo, espaço, intensidade e conteúdo — criando peças nas

Considerada a Isadora Duncan pós-moderna, coreógrafa veterana acaba de apresentar, em Nova York, a estréia mundial do espetáculo 'Twelve Ton Rose', com música de Webern

ANTÔNIA CHAGAS

NOVA YORK — Trisha Brown, a Isadora Duncan pós-moderna, comemora este ano o jubileu de prata de sua companhia com uma retrospectiva de suas surpreendentes coreografias e a première mundial de *Twelve Ton Rose*, criada sobre peças de câmara do compositor dodecafônico Anton Webern. *Trisha Brown Company at 25: Post Modern & Beyond* foi uma das mais aguardadas atrações do recente Next Wave, o festival anual de dança e música avant-garde promovido entre o outono e o início do inverno pela Brooklyn Academy of Music (BAM) Nova York.

Trisha Brown é uma experimentalista que se compromete a revelar o novo. "Estou sempre tentando ir além daquilo que já fiz", diz a coreógrafa. "Nesse sentido, o termo avant-garde cabe para descrever o meu trabalho." Tem sido assim desde fins dos anos 60 e início dos 70, quando ela começou a se apresentar em lofts, ginásios, ruas e telhados de Nova York, literalmente subindo pelas paredes.

Só no ano passado, ela começou a criar sobre música clássica, trocando o silêncio em que compunha sua dança por *Musical Offering*, de Bach. "Para o próximo ano, está nos meus planos coreografar e dirigir o *Orfeu* de Monteverdi", conta. "Coreografar Bach foi um passo nessa direção."

Trisha ouviu músicas durante quase um ano até escolher a que usaria na coreografia *M.O.*. "Era como se houvesse um mar de notas sobre o chão, sem lugar para eu pôr meus pés", compara. "A música fazia meus movimentos geométricos e minhas incursões no espaço parecerem dança moderna ultrapassada." Ela descartou todas as improvisações iniciais e conseguiu manter a identidade de sua dança entrelaçada às notas de Bach. "O que eu fiz para desenvolver o vocabulário de *M.O.* foi trabalhar no que faz ou pode fazer a parte de baixo do corpo, além de sua obrigação de suportar e transportar, para lhe dar uma proposta estética semelhante à que tem os braços", resume a coreógrafa.

Fronteiras — A música agora é um instrumento para Trisha Brown explorar as fronteiras da dança. A polifonia de Bach lhe abriu as portas para entrar na tonalidade e dodecafonia do compositor austríaco Anton Webern. Ela escolheu três obras dele — o *Opus 28 do Quarteto de Cordas*, de 1938, *Cinco Movimentos para Quarteto de Cordas* e o *Opus 7 de Quatro Peças para Violino e Piano*, de 1910 — para criar *Twelve Ton Rose*, que teve estréia mundial no Next Wave. O título da peça é uma referência aos 12 tons que o compositor usa em seus últimos trabalhos. "Trisha vê uma misteriosa correspondência entre sua dança", explica a coreógrafa.

"Eu tinha de desenvolver a dança um pouco mais para poder colocá-la em situações em que ela ainda fosse o comando."

A comemoração dos 25 anos da Trisha Brown Company teve como um dos convidados o bailarino Mikhail Baryshnikov, com quem Trisha fez o dueto *You Can See Us*, recriação de um solo feito há dois anos. O programa de aniversário também incluiu *Homemade* (1966), *Accumulation* (1971), *Opal Loop* (1980), *Set and Reset* (1983), *Newark* (1987), *Back to Zero* (1991), *Long and Dream* (1994) e *M.O.* (1995).

Trisha, que completa em novembro 60 anos, é a performer de *Homemade*, que pode ser considerado como um solo-dueto: ela dança com a projeção de um filme (feito por Robert Whitman no início da década de 60) às suas costas e ambas, imagem e bailarina, executam quase as mesmas frases da coreografia. *Accumulation* é outro solo. Esse é composto por movimentos repetidos e complicados, a cada sequência, pelo acréscimo de novos movimentos, numa articulada estrutura matemática e geométrica.

Opal Loop é um dos exemplos das várias colaborações de Trisha Brown e artistas de outras áreas. Esse trabalho, criado em 1980, marcou a estréia da coreógrafa num palco normal, com prosclênio, e se

abre com uma magnífica escultura feita de vapor por Fujiko Nakaya. O artista plástico Robert Rauschenberg é o mais constante parceiro da coreógrafa. Quando o palco é iluminado para *Set and Reset*, surge o cenário feito por ele: um retângulo e duas pirâmides com cerca de 3 metros de altura, cobertos por roupas e sobre os quais são projetadas imagens numa velocidade furiosa. A instalação sobe enquanto três bailarinos chegam pelo fundo do palco carregando outro sobre eles ao som de *Long Time No See*, de Laurie Anderson.

No seu revival, Trisha Brown incluiu *Back to Zero*, ciclo no qual ela explora a idéia de reduzir o movimento a sua mais simples manifestação e é parte da peça *For M.G.: The Movie. Long and Dream*, um pas de deux de improvisação, desta vez foi encenado pela coreógrafa e Steve Paxton, considerado uma das maiores figuras da dança pós-moderna nos Estados Unidos e criador do gênero contact improvisation.

Para o seu primeiro trabalho com Mikhail Baryshnikov, Trisha Brown transformou no dueto *You Can See Us* o solo *If You Could See Me*, com figurino e som de Rauschenberg. Aqui, enquanto ele dança para a platéia, ela dança de costas, como fazia na versão original.

Aos 60 anos, Trisha Brown começa a ver o futuro de outra maneira. "Sei que tenho menos anos pela frente do que tenho para trás", diz ela. "Mas eu nunca me senti mais cheia de idéias, ambições e possibilidades."

VÍDEOS E LIVROS DOCUMENTAM COREOGRAFIAS

para mim, porque eu não tive de criar o racional da peça", diz ela. A experiência foi tão significativa que a colocou no caminho da direção de *Orfeu*, ópera de Monteverdi, seu próximo objetivo.

As coreografias de Trisha Brown estão documentadas em vários livros, vídeos e especiais de TV. Seus esboços têm sido vistos em grandes exposições, entre elas a Bienal de Veneza. Uma grande mostra de seus trabalhos na área de artes visuais e, destacando sua influência sobre outros artistas, deverá ser apresentada em Marselha em 1998. (A.C.)

Primeiros palcos foram paredes de prédios

quais subia pelas paredes ou descia pelo lado externo de edifícios. "Eu não tinha um teatro para me apresentar e, naquele tempo, ficava-se muito tempo na rua, apenas olhando os belos prédios do SoHo, que não tinham butiques nem cafés", relembra a coreógrafa. Era também uma época de grandes pinturas, grandes esculturas, teatro de rua e performances feitas nos edifícios do bairro. Trisha ia às exposições e espetáculos e ficava analisando a arquitetura dos prédios em que eles ocorriam, acabando por definir seu palco naquelas paredes e telhados.

Ciclos — A Trisha Brown Company foi criada em 1970. Ao longo dos anos, Trisha Brown tem criado trabalhos em ciclos. Depois de explorar a arquitetura das construções, articulou estruturas matemáticas